

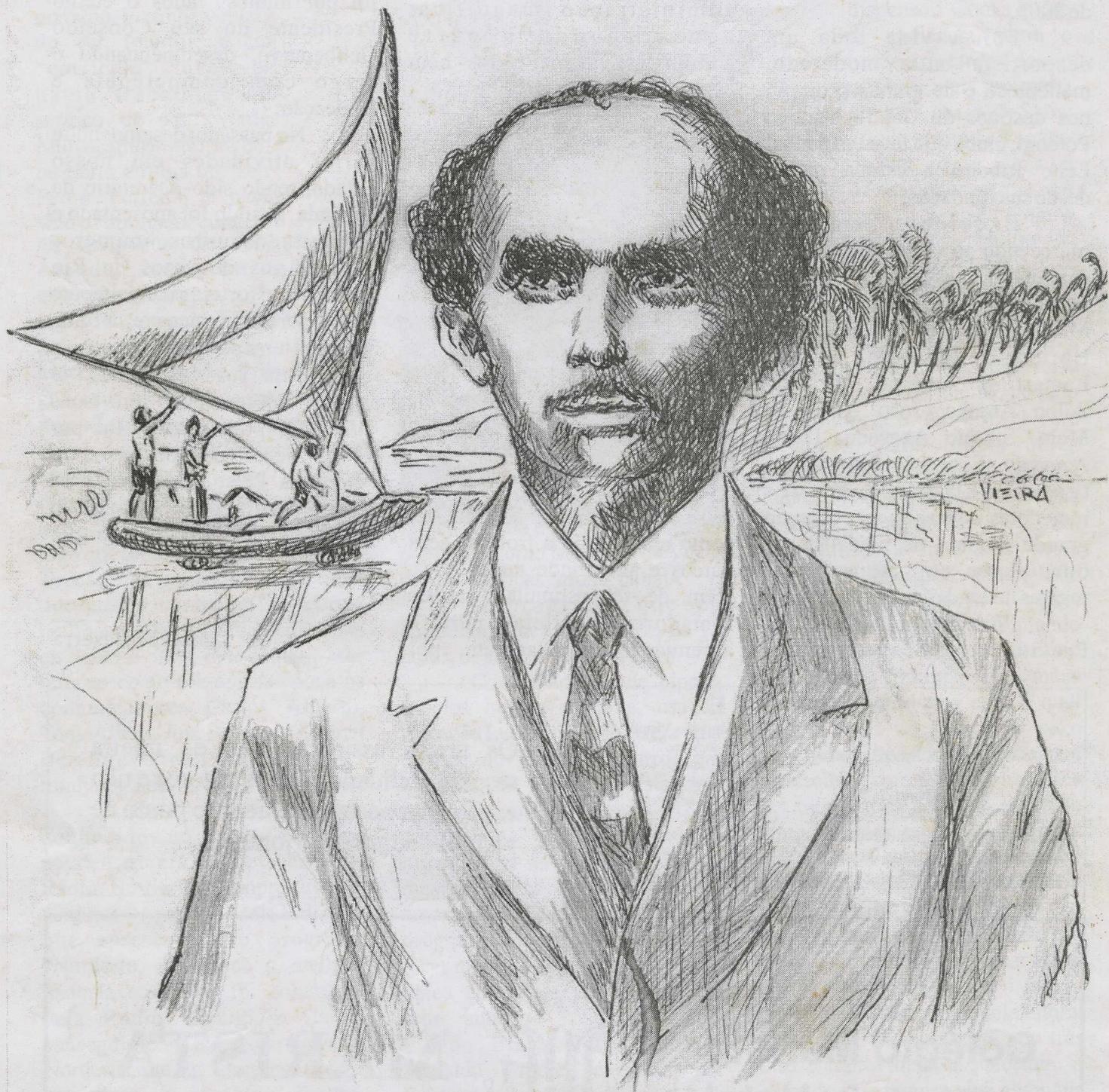
O Potiguar

Ano X

Nº 46

Dezembro 2006

Distribuição Gratuita



**Ferreira Itajubá
o boêmio canguleiro**

DESSPORTISTAS INOLVIDÁVEIS



Reinaldo Mendes Barbosa

Reinaldo Mendes Barbosa nasceu em Natal, aos 15 de março de 1909, e faleceu na mesma cidade em 16 de setembro de 2005.

Foi à vida toda um desportista nato, moderado, meticoloso e de grande projeção nos destinos do Centro Náutico Potengi, clube que teve em Aníbal Leite Ribeiro a estrela maior, desde sua fundação.

Excelente remador, oferecendo ao clube inolvidáveis conquistas, ao lado de Silvino Lamartine, Alvamar Furtado, Marito Lira, Humberto Nesi, Hortêncio de Brito, Silvino Lamartine, Antônio Miranda, Sólon Aranha, João Alves de Melo, Silvino Azevedo, Dácio Azevedo, Ebenezer Fernandes e tantos outros denodados remadores de sua época, obtendo grande número de medalhas de ouro/prata em memoráveis regatas no lendário Potengi.

Por algum tempo, foi Presidente da agremiação,

escolhido à unanimidade dos seus pares. Constituiu uma diretoria de valorosos e dinâmicos companheiros, tendo feito uma administração magnífica; equacionando a parte administrativa/financeira, bem



como reajustando a frota de seus barcos e adquirindo novas ioles, além de ter estimulado novos remadores e atletas para a agremiação. Foi também, por

algum tempo, seu eficiente Diretor de Regatas. Finalmente, como prêmio aos seus esforços em prol da agremiação, foi por muitos anos o eterno Presidente do seu Conselho Deliberativo, desempenhando o cargo com competência e dedicação.

No passado, desempenhou várias atividades em nosso Estado, tendo sido Secretário da Fazenda, quando foi aposentado e emprestando outros inúmeros serviços aos desportos do Rio Grande do Norte, principalmente aos esportes náuticos e à vida social da terra potiguar.

Pela sua competência e invulgar desempenho em suas atividades profissionais, foi por várias vezes convocado entre "Notáveis Personalidades", para equacionar difíceis problemas que iam surgindo na administração estadual.

Luiz G.M.Bezerra

EXPEDIENTE

-Diretor-
João Gothardo D. Emerenciano

-Editor-
Moura Neto

-Revisão-
João Gothardo D. Emerenciano
Giuliano Emerenciano Ginani

Avenida Prudente de Moraes, 625 - Tirol - Natal/RN - CEP 59 020-400

-Programação Visual-

Flávio Menotti

-Capa-

Vieira

-Gerente Comercial-

Carlos Frederico Câmara

-Impressão-

Gráfica Nordeste

Os textos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores e não expressam necessariamente o ponto de vista dos editores do jornal

Colégio Marista
de Natal



MARISTA
Nossa tradição é inovar

Um certo... Picasso

No ano de 1972, morando em Natal há 03 anos e sobrevivendo como crooner do conjunto de baile "Apaches", de João de Orestes, eu tive a oportunidade de trabalhar no rádio. Eu tinha vontade de ser locutor, e um "currículo" invejável: havia trabalhado no serviço de som Verdes Mares, tinha sido locutor na porta da loja de "seu" Pedro Ferreira e havia sido o "animador cultural" na campanha de dona Joanita Arruda. Isso sem falar na experiência fugaz como locutor esportivo, quando ficava na beira do gramado do estádio Djalma Marinho ou do São Sebastião, de gravador em punho, narrando os jogos de futebol; à noite, uma Rural do serviço de Alto Falante Verdes Mares), espécie de "unidade móvel" da época, reproduzia a narração, em fita magnética, do jogo que todos já tinham assistido... Todas estas experiências eu tinha tido quando morava em Nova Cruz, no final da década de sessenta. Mas eu queria ser disc-jôquei; ser famoso como o eram na época os comunicadores Carlos Alberto, Tony Albert, Jota Belmont, Miguel Bezerra e outros. Em 1972, surgiu a minha chance.

Catolé, figura bastante conhecido no meio artístico natalense, era discotecário da Rádio Nordeste e empresário do conjunto "Apaches". Jota Belmont, que apresentava o programa "Nordeste, das cinco a melhor" naquela emissora, foi contratado pela Rádio Cabugi e Catolé conseguiu com a direção da rádio Nordeste que eu fosse contratado para ficar em seu lugar. Exultei, mas não sabia o que me esperava...

O programa apresentado por Belmont era um dos líderes de audiência da emissora e a programação musical era baseada nos pedidos dos ouvintes. Havia



uma predominância de músicas de artistas populares: tanto MPB quanto música internacional passavam longe da programação...

Como crooner dos Apaches, meu repertório era eclético: eu cantava Beatles, MPB, sucessos internacionais, hits dos conjuntos nacionais Fevers, Incríveis e Renato e Seus Blue Caps e até Roberto Carlos. Cantava até samba-enredo e músicas de artistas populares como Martinho da Vila e outros. Músicas cafona, jamais.

O programa que eu apresentava ia ao ar das 13 às 15 horas, de segunda à sexta-feira.

Com aparência de hippie, cabelos longos e barba, usando maquiagem Lee falsificado eu era uma espécie de ídolo (de barro) das meninas da periferia natalense. Empolgado, ao assumir o programa, cometi um erro imperdoável: ao invés de manter o mesmo estilo do apresentador anterior, fiz uma mudança na programação musical. Decidi só tocar música "de qualidade" e fiz a única coisa que não deveria ter feito: substituí Waldick Soriano, Evaldo Braga, Jerry Adriany, Agnaldo Timóteo e Cia. por Caetano Veloso, Ellis Regina, Ivan Lins, Gal Costa, Betânia e outros monstros sagrados da música popular brasileira. No meu programa não tocava "porcaria". Ah, como eu me orgulhava daquilo... Resultado: os números

que davam o 2º lugar de audiência ao programa quando J. Belmont era o apresentador, foram substituídos por tracinhos, ou seja: quase ninguém mais ouvia o programa. O Ibope dispensou. Com a queda de audiência, perdi o horário da tarde e passei a fazer um programa noturno, chamado Show 20, de segunda a sexta-feira que, para desespero meu, só tocava "brega". Com o

tempo me acostumei. Melhor do que isto: descobri que eu realmente gostava daquele estilo musical.

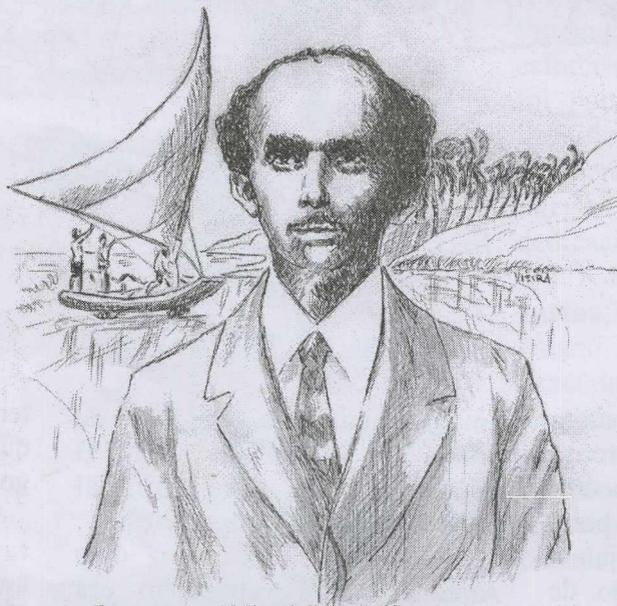
Na rádio Nordeste eu também fui escalado para apresentar um noticiário no horário das 07:00 horas da manhã, ao lado de Boanerges Araújo. Neste noticiário, sofri minha única punição durante o tempo em que trabalhei naquela emissora. No dia da morte do pintor Pablo Picasso, ao divulgar a manchete desta notícia, Boanerges Araújo não conseguiu ler a palavra Picasso, que estava quase ilegível. Tentando ajudá-lo, para não quebrar o ritmo do noticiário, fiz com as duas mãos o gesto característico com o qual alguém quer se referir ao sexo masculino. Apesar da minha boa intenção, quando Boanerges associou o meu gesto ao nome do famoso pintor espanhol, ao invés de concluir a notícia, explodiu numa gargalhada. Foi um pandemônio nos estúdios: o noticiário teve que ser suspenso por alguns minutos e, para azar meu, um dos diretores da rádio estava ouvindo a rádio naquela hora. Resultado: fui suspenso por três dias e nunca mais esqueci que o autor de uma famosa obra chamada Guernica era um cara chamado... Picasso

Fernando Luiz*

*Cantor e compositor

Itajubá: antropofagia e modernidade

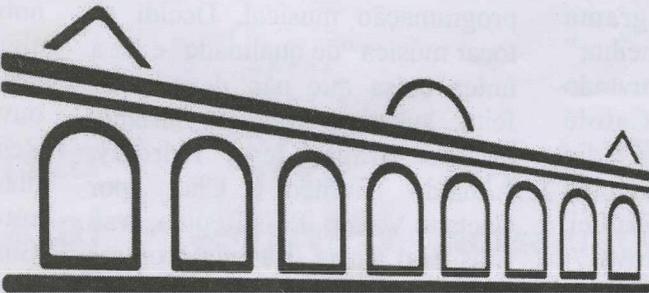
Os grandes poetas são incompreendidos no seu tempo, depois de mortos passam a ser conotados e ter decifradas suas mensagens e filosofia de vida (Shelley). Nesse contexto temos Ferreira Itajubá, o primeiro poeta potiguar que, mesmo num clima precário de cultura, buscou encontrar um procedimento mais poético e formal, haja vista a preocupação de limpeza vocabular aos mitos estrangeiros na sua produção: “o casal de olhos que viu água, céu e terra (...) nordestinas, dispensando os vidros gregos, latinos e franceses” (Câmara Cascudo). Itajubá já era antropofágico, e ninguém sabia, muito antes do canibalismo oswaldiano. Dava a volta por cima e sacudia a poeira clássica: aos dezesseis anos já analisava Virgílio e Horácio, coisa que ainda hoje certos críticos ignoram e cobram-lhe um “certificado de letras” como garantia do fazer poético, mesmo sabendo que tudo se aprende na universidade



das ruas (Gorki). Adiantemos com um fragmento do texto do João Ribeiro, publicado no Jornal do Brasil, em 1926 (apud Francisco das Chagas), dando-nos um precioso testemunho: “Foi um vagabundo como Verlaine, desordeiro como Camões, jornalista boêmio, ébrio e desgraçado, sem nenhum tino para colocar a vida no seguro burocrático”. Também Mário de Andrade, em O Turista Aprendiz, urge: “O Brasil precisa conhecer melhor Itajubá”. Então, o que esses “bacharéis” otários ainda querem? Seresteiro, andarilho

como Rimbaud, autor de Harmonias do Norte, Terra Natal e alguns textos dispersos, sua modernidade está esboçada no poema Ave de Arribação, pela precisão técnica de ritmos e imagens sonora e visual. É um dos precursores do modernismo à distância. Influenciou muitos poetas posteriores, inclusive o Jorge Fernandes, na reciclagem lingüística. Enfim, criando uma trilogia temática (Genitora, Natureza e Branca), Itajubá se exilava na sua própria terra, com uma ordem lírica e nativa de uma nordestinidade, sonhando talvez com uma possível pasárgada antes nunca cantada; deixa estes dois versos irônicos para seus Desafetos: “E nem quero um letreiro à compaixão futura / Um sinal, uma cruz, no pó da sepultura”

Bianor Paulino da Costa



FUNDAÇÃO CULTURAL
Capitania das Artes



PREFEITURA DO
NATAL
A NOSSA CIDADE

Funcarte@natal.rn.gov.br - Fone: (84) 3232-4956



Canto da Ema

De Natal ao Pará

Adeus! vão-se acabar as noites claras,
As trovas ao violão, pelos telheiros!

- Planta das minhas últimas searas,
- Corpo dos meus pecados derradeiros!

O tempo voa. A ceifa das espigas
Voltará, para dar-nos mais cuidados,
— Terra das minhas últimas cantigas,
— Vale dos meus prazeres acabados!

Adeus — sejas feliz, entre as famílias
Que te cercam, nas praias alvejadas,
— Carne das minhas últimas vigílias,
— Urna das minhas crenças desfolhadas!

Mais um beijo dos teus, que das alturas
Soa o momento! E atira-me o rosário,
— Horto das minhas últimas torturas!
— Cruz em que subirei para o calvário!

Ferreira Itajubá

Terra Mater

Natal é um vale branco entre coqueiros:
Logo que desce a luz das alvoradas,
Vão barra afora as velas das jangadas,
Cessam no rio as trovas dos barqueiros;

E à tarde, quando os rudes jangadeiros
Voltam da pesca às praias alongadas,
Começa à sombra fresca das latadas
A palestra amorosa dos solteiros.

Quantas belezas mil Natal encerra!
Deu-lhe a Natura um mar esmeraldino,
Despiu-lhe o morro, aveludou-lhe a serra...

Terra de minha mãe, bendita sejas,
Orvalhada do pranto cristalino
Da saudade das moças sertanejas!

Ferreira Itajubá

Por Janeiro

Noites ungidas de claros vinhos,
Plenas de rosas, noites lavadas,
Cheias de idílios pelas quebradas,
De eflúvios raros pelos caminhos.

Noites de insônias e desalinhos,
De serenatas pelas calçadas,
Noites de trovas abemoladas,
Como gorgeios de verdelinhos.

Trazei-me sempre, noites de enfeite,
Todas as coisas dessa redoma,
— Chuvas de incenso, marés de leite,

Matando os germes do desengano
Que me tortura, noites de goma,
Primeiras noites claras do ano!

Ferreira Itajubá

• GALERIA DE ARTE
• Cd's
• LIVROS
• DISCOS
• INSTRUMENTOS MUSICAIS

SEBO AMORIM

Rua Ulisses Caldas, 94 - Centro - Natal/RN - CEP 59085-120 - Fones: 3221.3717 - 9973.9423 - 3206.2790

Como eu tenho vivido

Nasci à margem do Rio Potengi, onde o mangal rumoreja ao sopro do vento salso.

Sou, portanto, natural do Rio Grande do Norte, da terra amada em cujo seio ardente Albuquerque soltou o primeiro brado de liberdade e floresceu a semente fecunda da democracia pacífica fundada por Pedro Velho.

Aos 12 anos, brinquei nos lençóis alvadios que se estendem da Paraíba até a costa cearense, e nos bancos escolares do professor Joaquim Lourival Soares da Câmara, compus os meus primeiros versos que intitulei – Novas Canções.

Aos 14 prestei exame da língua vernácula no Atheneu – Rio-Grandense; aos 16 já analisava trechos de Horácio e Virgílio quando, por escassez de recursos pecuniários, entrei para a casa comercial do português Antônio Sátiro do Rego Pinto, já falecido.

Aos 18 segui para a cidade de Macau com destino ao estabelecimento de Antônio Batista da Silva, onde apenas me demorei 30 dias em vista da moléstia rebelde que me alterou



Capa da edição de "O Torpedo", de 27 de setembro de 1909: homenagem ao aniversário de Ferreira Itajubá.

a saúde, aliada à saudade pungente da guarida hospedeira. De volta, mais tarde, à capital, debrucei-me novamente no balcão do velho português, e, por morte deste, fui lecionar primeiras letras, profissão que logo deixei para exercer o cargo de escrevente da Associação de Praticagem do Estado.

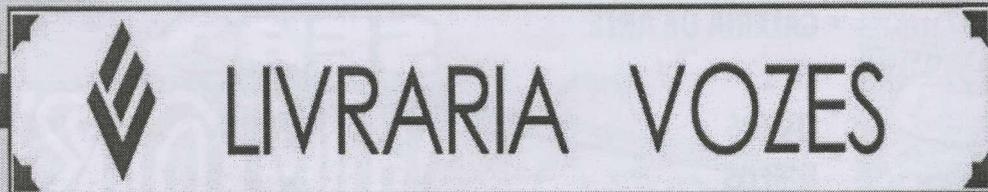
Nas horas vagas do labor cotidiano entregava-me ao exercício da palavra rimada: do que resultou a coleção de versos magoados que denominei de

Harmonias do Norte, e que ainda se conserva no bojo da pasta pejada de lucubrações inéditas.

Velei ao luar melancólico das nossas noites; recitei ao pé dos violões sentimentais, nas horas do relento; dancei nos salões dos pescadores humildes, pela ceifa do milho; ingeri os vapores do vinho nas festas populares, à sombra das árvores; assisti ao desafio dos homens rudes, ao rojão das violas; aplaudi a harmonia dos presepes e diverti com os boêmios da época, respirando o perfume dos cajueiros nas aldeias amigas.

Fundei diversas sociedades recreativas; jornais e revistas literárias e, ultimamente, já no crepúsculo dos últimos sonhos, dirigi O Torpedo onde, em decassílabos harmoniosos e singelos, sob o pseudônimo de Stella Romariz, enumerei os dotes de coração e de alma, do povo amigo, cantei a beleza peregrina das moças da minha terra.

Aos 22 rebentaram-me as primeiras ilusões de uma paixão que, inspirada numa lenda praieira do Rio Grande do Norte, fez nascer o Terra Natal, em



LIVRARIA VOZES

Educação | Psicopedagogia | Dinâmicas e Jogos | Filosofia | Sociologia | Psicologia | Comunicação
Saúde | Teologia | Espiritualidade | Bíblia | Pastoral | Artigos religiosos e literatura em geral.



Fotografia tirada por ocasião da inauguração do prédio da associação de Praticagem, em que se vê (em pé) da esquerda para à direita: Ferreira Itajubá (escrivente), Pedro Piloto (prático), Gothardo Neto (funcionário da Capitania dos Portos), Antônio Piloto (prático), Henrique de Oliveira (prático) e, sentados: Augusto Lebres (patrão-mor da Capitania dos Portos), Jaime Aranha (escriturário da mesma capitania), Pereira Franca (capitão dos portos) e Antônio Piloto Filho (prático-mor).

cujas páginas, repassadas de mágoa e saudade, falei das lendas e tradições potiguares, dos amores e desgostos de Branca, a inditosa lavandisca das praias salgadias.

Aos 24 casei-me civilmente. Fui infeliz na escolha da mulher que lhe dei o nome.

Aos 32 abandonei-a por motivos aliás muito justos e incompatíveis com os princípios nobilitantes da moral que rege os povos civilizados.

Da praticagem e dos aludidos estabelecimentos saí de mãos limpas como se costuma

dizer.

Hoje sou empregado no Atheneu ganhando 120.000 réis mensalmente, com que sustento minha velha mãe e uma irmã solteira; duas criaturas adoráveis que me enluaram as noites da juventude, desfolhando rosas sobre a terra que piso, enlevado no sonho de um futuro melhor.

Apesar das inclemências por que tenho passado; ainda embalo esperanças, ainda nutro ilusões, debaixo do nevoeiro tormentoso que, de quando em vez, me arrasa os olhos d'água, me enluta o coração batido pela

amargura dolorosa da orfandade paterna.

Eis em poucas palavras a história da minha vida de boêmio, passada à luz do sol que flagela os sertões e escalda os campos argilosos da terra que me serviu de berço e onde descansam as cinzas dos meus maiores.

Ao seu tempo voltarei.

“A capital”, 06 de março de 1910

Manoel Virgílio Ferreira Itajubá



Av. Salgado Filho 2850 - Lj 05
Lagoa Nova - Natal/RN - Fone: 3206-9099

Praia Shopping - Loja F5/6
Natal/RN - Fone:3206-9099

A.S. LIVROS

Ferreira Itajubá¹

Desejo falar de outro conterrâneo inteligente, alma sonhadora e rebelde, opulenta de aspirações generosas e aparelhada para um triunfo que não virá longe.

Refiro-me a Manoel Ferreira Itajubá, a quem a "Oficina Literária" presta hoje uma homenagem sincera pela passagem do seu aniversário natalício.

Creio que entre nós ninguém desconhece esse talentoso boêmio, que só tem palavras doces para os infortúnios que o perseguem, e vive a cantar alto, espontaneamente, como cantava a estátua de Menon, às brisas solitárias do deserto tebano...

Visitado bem cedo pela orfandade, desde então vem lutando heroicamente contra todas as intempéries e a sua vida é um magnífico exemplo de dedicação filial a santa velhinha, que ocupa o melhor lugar no seu coração.

Dessa desventura precoce surgiu, por certo, a tendência sentimental do seu espírito, o qual, como aquele pélagos invisível de que nos fala Raimundo Correia, soluça por entre raios de estrelas e bordados de espumas, tendo apenas a Saudade - sereia misteriosa - a cantar noite e dia nas suas praias desertas...

Ferreira Itajubá apresentou sempre, desde os mais verdes anos, as mais acentuadas inclinações para a poesia.

A princípio o seu verso era



dúbio, sem colorido, sem as preocupações rudimentares da forma.

Contudo adivinhava-se, por entre a névoa dos primeiros sonhos, a manifestação irrecusável de um verdadeiro poeta.

Já hoje, não conheço mais perfeito burilador da estrofe alexandrina ou quem melhor lapide um ditirambo modesto, cheio dos aromas da fantasia, naquele estilo adorável de Bulhão Pato e de Gonçalves Crespo...

É que ele nasceu com esse condão divinatório das almas eleitas que nem a morte consegue destruir, porque se o artista desaparece, as suas ilusões ficam palpitando na memória de todos, ficam alimentando a saudade materna, a tristeza de alguma mulher querida que sempre chora quando o crepúsculo volta ou quando a lua

prateia as orvalhadas ramas a cuja sombra floresceram os seus amores.

Manoel Ferreira Itajubá nasceu a 21 de agosto de 1876, na casa n. 29 da rua "Tarquínio de Souza", hoje "Rua do Comércio". Foram seus pais o honrado cidadão Joaquim José Ferreira, falecido na grande peste de 1882, e a exma. sr^a d. Francisca Ferreira de Oliveira, que lhe sobrevive.

Era o sr. Joaquim Ferreira um laborioso industrial da pesca e partidário convencido das idéias liberais.

Desvelado pela educação dos filhos, acreditamos que, se não houvera morrido tão cedo, o Itajubá seria outro, pelo menos quanto à solidez da instrução.

Nascido à margem do Potengi, a sua infância passou-se no convívio desses operários humildes com quem seu pai trabalhava, e daí o afeto profundo que o poeta consagra aos pescadores, às nossas praias longas e alvadias, onde o vento dilacera os areais e as garças agitam as asas de neve como lenços brancos que se despedem de longe...

Rememorando esses tempos da primeira idade, escreveu ele no epílogo do seu poema Terra Natal os seguintes períodos: "Nasci à beira do Rio Potengi. Aí passei quase todos os dias de minha meninice. Habituei-me, portanto, a ouvir as queixas do vento salgadio, as cantigas dolentes dos marujos, os gemidos das águas sobre a areia..."

Entre os jornais e revistas fundados por Ferreira Itajubá, merecem especial referência "O



SALESIANO
NATAL

Há 70 anos, educando e evangelizando
a juventude potiguar.

Colégio Salesiano São José - Natal/RN

www.salesianonatal.com.br - salenatal1@digi.com.br

Largo Dom Bosco, 335 - Ribeira - Tel: (84) 3211-4220

Eco², periódico literário que fez sucesso nesta capital, em virtude da impagável questão de português que manteve com os redatores de "O Fonógrafo"³.

Publicou também a revista "Manhã"⁴, de colaboração com o prático da barra José Pereira, um moço que apesar da humildade em que vivia, era dotado de um espírito progressista e de uma extraordinária força de vontade.

Sem recursos materiais, comprava livros valiosos e assinava grande número de folhas diárias e periódicas.

Pela sua pertinácia no estudo, conseguiu rudimentares conhecimentos das línguas francesa, inglesa e italiana. Morreu em absoluta miséria, desprezado dos amigos e até com o desgosto de ver nodoadada a sua honra pela coima de peculatório...

Tem Ferreira Itajubá dois volumes de versos destinados à publicidade: - "Harmonias do Norte", onde se acham enfeixadas as poesias da nova fase, ou melhor, do despertar do seu espírito e o "Terra Natal"⁵, delicioso poema cuja leitura ouvimos deslumbrados.

Sã o s a u d o s a s reminiscências de uma paixão antiga que lhe transbordou do coração, em estrofes ora sentidas como um dobre funerário, ora alegres como um domingo de Páscoa... Eis o que disse H. Castriciano: "Escrita numa fase de penúria, essa história simples, contada em versos despreziosos, transmitiu-nos com a máxima intensidade, por um dom especial do poeta, as emoções do desterrado, cuja linguagem é bem nossa, do nosso povo nostálgico e sofredor".

Nas páginas desse vigoroso livro, a alma irrequieta do boêmio fotografou-o indelevelmente,

porque nelas palpita um sentimento que se não estiola, uma amargura que não deserta facilmente o peito...

Os versos que abaixo transcrevo exprimem bem a alvoroçada alegria que sente o degredado, ao visitar o "berço em que se implumou o seu primeiro idílio":

*Despertai, logo cedo, ó sanhaços
ligeiros,
Bentivis que trinais nas palmas dos
coqueiros,
Aragens de Natal, correi nos
descampados,
Gorgeios mil soltai, pintassilgos
dourados,
Falenas que gostais do rubor das
auroras,
Batei asas, cantai, patativas
sonoras!*

Poucos amigo bons, saudai o

*peregrino,
Vós que me conheceis do tempo de
menino!
Praieiras, estendei-me as vossas
mãos amigas,
Repeti dessa quadra as chulas, as
cantigas,
Arrulai na campina, ó pombas
sofredoras,
D'alma o pranto arrancai, violas
gemedoras!*

E basta. Quem faz estrofes como estas não precisam de encômios intempestivos.

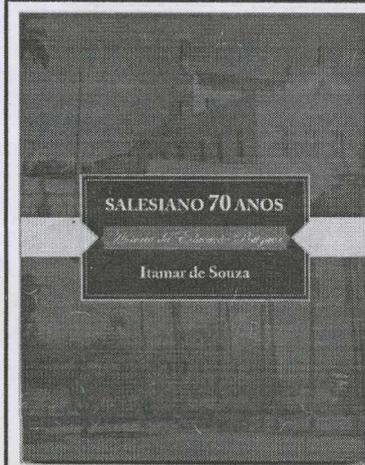
Que o Espírito dadiovo que preside aos destinos humanos se amercie do inspirado poeta⁶, enflorando o rosal das suas esperanças cada vez mais avigorando-lhe o cérebro para cantar as lendas e tradições potiguares.

Gothardo Neto

NOTAS

1. Artigo publicado no jornal "O Potiguar" em comemoração do aniversário do poeta, a 21 de agosto de 1908, e transcrito na Revista do Centro Polimático do Rio Grande do Norte. Natal, Ano I, Vol. I, Janeiro de 1920.
2. "O Eco", pequeno jornal literário, circulou pela primeira vez no dia 1º de janeiro de 1896.
3. "O Fonógrafo" circulou no ano de 1896 e possuía tipografia própria.
4. O Dicionário da Imprensa no Rio Grande do Norte (1909-1987), de Manoel Rodrigues de Melo, registra como sendo "A Manhã", o nome da revista que tinha como redatores Manoel Virgílio Ferreira Itajubá e Henrique J. de Oliveira; tendo o primeiro número circulado no dia 2 de abril de 1897.
5. O poema Terra Natal foi editado em 1914, por iniciativa de Henrique Castriciano, sendo reeditado em 1927, incluso no livro Harmonias do Norte, impresso nas oficinas da Imprensa Diocesana de Natal; tendo a Fundação José Augusto, em 1965, publicado Poesias Completas, organizado e prefaciado por Esmeraldo Siqueira que acrescentou notas ao Terra Natal.
6. Ferreira Itajubá faleceu no Rio de Janeiro, em 30 de julho de 1912.

João Gothardo Dantas Emerenciano



"Com o objetivo de comemorar solenemente o transcurso do 70º ano de existência do Colégio São José, de Natal (RN), o Diretor do Colégio, Pe. José Mauro da Silva, teve a feliz iniciativa de mandar fazer uma memória deste educandário. A caminhada de setenta anos já é bastante longa e, por isso, deve ser perpetuada para o conhecimento das novas gerações.

(...) Enfim, convidamos, agora, o leitor a percorrer as páginas deste livro na certeza de que, ao final, ele agradecerá a Deus a obra admirável, religiosa e social, que os diletos filhos de Dom Bosco realizam, há muitos anos, no Rio Grande do Norte, no Brasil e no mundo."

Profº Itamar de Souza

Cartões cinematográficos



A atriz Leandra Leal no filme "A ostra e o vento"

Além de calendários (de bolso, de mesa e folhinhas de parede), há alguns anos venho também me dedicando a uma coleção de cartões postais (ou "bilhetes postais", como dizem os portugueses). Não se trata propriamente daqueles cartões postais turísticos, com paisagens ou fotos de ruas e prédios de cidades. O que me interessa mesmo é a cena humana, rostos e gestos de gente, fotografados ou desenhados para ilustrar ditos cartões postais (aliás, por causa desta especificidade, incluo na coleção marcadores de livros e os cartões simples, de felicitações de aniversário ou natalinos, desde que flagrados sejam os momentos do dia-a-dia das pessoas).

Minha coleção conta com séries preciosas, como "crianças", dos Gráficos Drums Ltda., "Grafon's Cards"; "Katz Cards" (com fotos de Anne Geddes); "Uzíndia" (produzida na Índia); "Recordações" (da Litoarte); "Eurocromo" (produzida em Barcelona); "Signos" (produzida em Lisboa); "Jubilee"; "Bambuê" (produzida em Belo Horizonte); "Hallmark" e "Verkerke" (com as

maravilhosas fotos de crianças da fotógrafa Kim Anderson); e algumas séries sem título, desenhadas, da fábrica Gráfica Ambrosiana.

É claro que esta minha mania, somando-se ao meu gosto por cinema, me levou a adquirir cartões postais com temas cinematográficos. Tenho, por exemplo, dois com Marilyn Monroe: um, em foto de Phil Stern para a coleção "Fotofolio", de Nova Iorque; o outro, produzido em 1983 por Charles K. Feldman Group Productions, colocando no postal a famosa cena do filme "O Pecado Mora ao Lado", em que a atriz e Tom Ewell estão sobre a grade de ventilação do metrô, e quando o trem passa embaixo a saia de Marilyn se enche de ar, subindo e mostrando a perfeição de suas coxas.

Tenho um postal do filme "Instinto", de Jon Turteltaub e interpretado por Anthony Hopkins, baseado no romance "Ismael", de Daniel Quinn, e onde existe a famosa frase: "...O problema é que a conquista do mundo pelo homem causou a sua devastação." O postal é de publicidade da Editora Fundação

Peirópolis, de São Paulo, que publicou no Brasil o livro de Daniel Quinn.

Às vezes, não compro postais; recebo-os. Em 1991, recebi um, mostrando Angélica, a famosa apresentadora de programas de televisão e atriz do filme "Xuxa e os Duendes." No verso, a publicidade do programa "Clube da Criança", e a seguinte dedicatória, escrita à mão: "Para mim, você é muito especial. Quero ver sempre você sorrir. O seu sorriso transmite muita paz para o nosso mundo. Um beijãozinho. Adoro você, Angélica." Bom, como Angélica não me conhecia pessoalmente, acredito que este postal me foi enviado ou por alguém que eu conheço (querendo me fazer uma surpresa), ou então pela filial da Rede Manchete em Natal, na época, e que depois se transformaria em Tv Tropical.

Também tenho adquirido não originais, mas cópias de postais, em sites na Internet. Deste tipo, possuo postais virtuais com imagens de Shirley Temple, e outros. Em 2003, contatei o site da mini-atriz Debby, que participou de filmes de Renato Aragão ("Simão, o Fantasma Trapalhão", dentre outros), e ela me mandou um terno postal com o maravilhoso sorriso dela. Em 1998, eu participei como jurado do Festival de Cinema de Natal, o FestNatal. Na época, recebi da produção do festival cartões postais ilustrativos dos filmes que vieram para o referido festival, cuja premiação maior foi para o filme "A Ostra e o Vento", de Walter Lima Júnior, e que aborda os problemas psicológicos da solidão, e do despertar da sexualidade na adolescência.

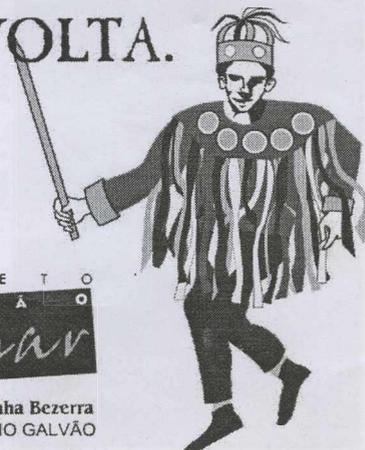
Anchieta Fernandes

O JORNAL GALANTE ESTÁ DE VOLTA.

Galante

CULTURALMENTE ATUANTE!

PROJETO
N A Ç A O
Potiguar
Scriptoria Candinha Bezerra
FUNDAÇÃO HÉLIO GALVÃO



A revolta dos cupincheais



Espíritos mamaés o assustaram em sonhos. Há rumores também entre os avoengos anciãos da oca. Iniguassu, pajé maior – o Rede Grande – mesmo destemido, pressente o infortúnio próximo do seu povo da floresta no dia em que os reinóis ultrapassarem Acejutibiró-Baia da Traição.

Diogo Dias reúne um terço de mamelucos e alugados, homens capitães do mato, experimentados na preação de índios e assim parte da capitania de Pernambuco em excursão de caçada aos homens e mulheres vermelhos do além-Paraíba, os potiguara.

Nem nunca houve cunhatã tão bela e preciosa. Tez do bronze do barro cru, perfuma-se no banho do pequeno lago doce onde flutua, escultural silva desejada pela própria mãe-a natureza. Mas o canto inebriante dos pássaros e o estonteante grazinar dos insetos não a deixam perceber estranhos movimentos

da mataria. Os invasores manietam-na. A mais perfeita moça índia, filha diletta de Iniguassu desaparece. A partir desse dia, o pequeno fio d'água será chamado de Tissuru - o rio do grande arrepio.

É noite pesarosa de choro e gemido. As muitas ocaras ao longo do Potengi estão reunidas em dança de guerra. Os grandes tuxauas são irmãos em todas as malocas separadas. O maior, Iniguassu, vulto gigante frente a fogueira, conclama os mais valentes a praticarem ferrenha vingança ao ousado reinol e seu bando.

Baraúnas brunem bordunas. Os painazes afiam as azagaias e zarabatanas. As lanças dos Pêgas e dos Paiatis são encruadas num fogo lento de muitas cinzas. Os guerreiros estão na última dança e no toque das puitas esbravejam em urros suas orações de despedida.

Absorto, o dono de engenho Diogo Dias comemora silencioso o seu feito. Agora tem mais escravos índios

para trabalharem nos grandes partidos de cana. Mas seu feitiço e xodó maior é pela selvagem a quem os outros chamam Manacá. O truculento português deseja-a alucinadamente.

Nem bem é clara a manhã quando os vermelhos potiguares atacaram. Todos os moradores são trucidados. O senhor de Tracunhaém e toda sua família são chacinados a golpe de clava de jucá, os miolos no chão, bestunto mole misturado ao massapé.

Diogo Dias pagou caro a ousadia. A índia Manacá, filha de Iniguassu, regressa com os seus para as margens do Potengi, onde a formosa e inocente cunhatã voltará a brincar com seus xerimbabos. E os mais velhos ao redor das fogueiras contarão suas porandubas.

Aroldo Martins

**LIVRARIA
INDEPENDÊNCIA**

- Livros
- Suprimentos p/ informática
- Papelaria
- Móveis p/ escritório

Rua Amaro Barreto, 1243 - Alecrim - Natal/RN
fone/fax: (84) 3211-4966 / 3201-4100



Princesa Isabel, nº 799 - Centro

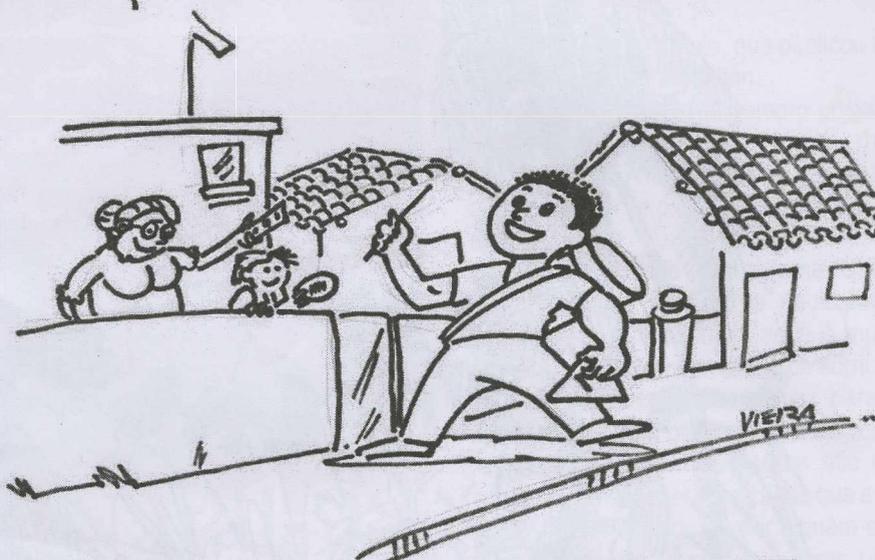
Baganas que adoçavam a boca e a vida

Na perspectiva antropológica, a maneira de se alimentar a predileção por tipos de comida, são traços culturais de um povo. Sambaquí, palavra indígena que significa "amontoado de conchas", originário do étimo tamba = concha + ki = amontoado, formados por sobras de alimentos dos povos primitivos, servem, em nossos dias, para que os antropólogos, estudem os costumes e hábitos culturais dos nossos antepassados.

Hoje, os indicativos da cultura alimentar do natalense, depara-se com o estrangeirismo invasor, modificador dos costumes e paladares do nosso povo. Os Hot Dog, Milk Shake, Habbi'S, Pittsburg, Yakisoba, Sushi, Chiken-In, Sundae e tantas outras opções, nos dar a sensação de sermos ignorantes do idioma falado em nossa própria terra.

Em outros tempos, os vendedores ambulantes apregoavam nas ruas suas baganas e eram tantas as iguarias oferecidas e aceitas que por vezes tirava o apetite das refeições principais. Em qualquer "cantão" ou rua de Natal, passava alguém com um tabuleiro preso por uma tira de couro em volta do pescoço, oferecendo Amendoim Torradinho, Gele (geléia) de Coco, Cocada e Grude. As carrocinhas de lanches vendiam Algodão Doce, Pipoca na Manteiga, Cachorro Quente (de carne moída e refogada). Os Cachos de Pitomba eram vendidos acomodados em grandes balaio (cestos) de vime, e, os inesquecíveis Rolete de Cana, eram encontrados em cada esquina, espetados em cavacos feitos da própria casca da cana.

Nos dias da festa da padroeira da cidade, os petiscos eram abundantes.



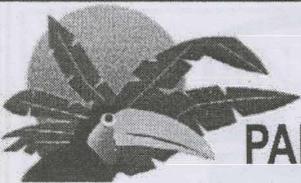
Arroz Doce, Beijú, Bolo de Mandioca Mole, Bolinho de Farinha de Milho, Castanha, e o Milho Assado ou Cozido, era vendido sob a proteção de Nossa Senhora da Apresentação. A guloseima mais procurada era o barquinho de Farinha de Castanha de Caju, feito de papelão, recoberto de papel de seda colorido e ornado de pequenas bandeiras. Tinha ainda o Puxa-Puxa, o Sequilho, o Doce Seco, o Grude, a Raiva, a Pipoca-Doce Colorida e o Alfenim. Eram tantas as iguarias que tornavam a vida mais gulosa e mais alegre.

Na hora do Ângelo, diariamente os ambulantes arriavam da rodilha o tabuleiro de tampa dupla, cheio de cuscuz côncavo e arredondado. Nas mercearias as donas de casa compravam Pão-de-ló, Tapioca, Pé-de-moleque e o Pecado-Maneiro (que era uma tapioca bem fininha). Durante todo o ano, alegres pregões enchiam as ruas de Natal. O toque do triangulo do vendedor de Cavaco Chinez, anunciava a sua aproximação. O regalo era transportado em um cilindro de "flande" pendurado as costas do

vendedor. O sorveteiro, com seu carrinho, oferecia Sorvete de Frutas Regionais e Poli (denominação do picolé em Natal, coisas do antigo Cinema Politeama). A petizada não resistia ao Pirulito, de açúcar queimado, vendido em forma do cone e enrolado em papel de embrulho. Vinham espetados em um tabuleiro furado na medida da lambiscaria.

Atualmentê, os alimentos vendidos nas ruas da Cidade do Natal, não saciam a fome do reviver. O som do vendedor de Cavaco Chinez, que hoje encontramos, esporadicamente, ressoa, com mais vigor, na acústica das lembranças culturais da população do que na sonoridade da sua realidade. Porém, o tempo que transforma todas as coisas, não conseguiu apagar da lembrança dos que viveram em décadas passadas, as inigualáveis guloseimas que eram vendidas nas ruas de Natal, no tempo em que as baganas adoçavam a boca e a vida.

Manoel Procópio de Moura Júnior



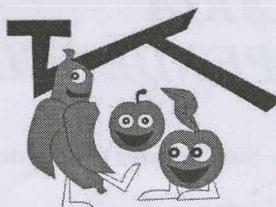
**Restaurante
PALADAR TROPICAL**

Self Service com
comidas regionais

**AOS SÁBADOS E DOMINGOS
BUFFET ESPECIAL**

**AV. PRUDENTE DE MORAIS, 1952
TIROL - FONE: (84) 3221-5475**

A Ki - Tanda





**DISKTANDA
3223-3161**

A SUA CASA DE FRUTAS E CARNES

**Av. Antônio Basílio, 2419 - Lagoa Nova - Natal/RN
Telefrutas / Telefax: (84) 3223-3161**

Odete: uma vida no beco

O Beco da Lama, que é pai de todos os becos, tinha uma mãe que durante 28 anos o alimentou. De pirão, sarapatel, peixe no coco, cuscuz, macaxeira, feijão verde, e também de música e poesia, apesar de não cantar, não tocar violão nem saber o que é um verso.

Era ela que todo dia, cedinho, abria seu pequeno estabelecimento de porta única, três metros, se muito, de frente, quatro metros, idem, de fundo.

Uma cozinha apertada, um banheiro que mal cabia uma alma.

Mas era ela quem estava ali, a receber quem chegava, com a fome que estivesse.

A galinha caipira cheirava, levando paladares de sonhos pelas ruas maiores da cidade, mas ela, pequenina, nem se dava conta do manjar que preparava. Era como se nada fizesse. Como se aquilo apenas fosse mais um dos tantos pratos preparados vida a fora, a saciar bocas muitas vezes ingratas, estômagos vazios muitas vezes também de ternura e agradecimento.

Dona Odete foi mãe do Beco por merecimento porque o tinha como filho. Adotivo, é verdade. Mas um filho que viu crescer e, como toda boa mãe, esperou vê-lo melhorar de vida, sair da lama primeva, tornar-se saneado e querido para ser alma da cidade.

O Beco ainda é mal cuidado e muitas vezes imundo, mas seu carinho por ele não diminuiu por isso.

Reclama melhor



iluminação. Clama por segurança. Pede paciência diante das autoridades que dela cobram, mas que pouco fazem pelo pedaço que ajudou a fazer boêmio e referência de uma cidade.

Foi no batente frontal de seu estabelecimento que o maestro Mainha resolveu morrer, aos 80 anos de muita cansada vida a fora. Ele que, pressentindo a morte chegar, para lá dirigiu-se, pediu a última, despediu-se, e foi-se como chegou à vida: sem nada ou quase nada, porque deixou amigos poucos que o amavam, é verdade, e composições que ninguém sabe se um dia chegarão à memória: coisas preciosas.

Quando chegou ali, o Beco da Lama era bem mais lama que beco, nem nome de rua tinha. Era apenas fundos de casas famosas de ruas afamadas e bem tratadas por que abrigavam comércio e casas de gente bacana. O Beco servia-lhes apenas para despejo de águas servidas. Só. E para a ostentação do nojo que se mantém, sem que nada façam por ele.

Mas Odete acreditou e lá ficou, fazendo o seu cuscuz matinal, torrando sua galinha caipira, mexendo o pirão do peixe no coco, servindo a talagada de cana para os papudinhos de todos os dias.

O sorriso ingênuo que sempre trouxe nos lábios, sorriso convidativo, diga-se, poucas vezes deixou-se anuviar por acontecimentos tristes, ali também tidos. Manteve-se majestosa e altiva, mas hoje não enfrenta diariamente a lida, velhice chegada, esperança ida, porém, na certeza de que deixou um fruto. Maduro. Tenro. Mas que, se cuidado, novos trará, e manterá viva a labuta que se merece labuta, porque do trabalho vive o homem que também vive do sarapatel que Odete preparou um dia e da cachaça que fê-lo esquecer a vida não querida, mas real, de lá adiante, bem longe do Beco. Onde a vida não lhe mais sorri.

Odete partiu para sua aposentadoria merecida. Ficou o Beco e o seu eterno encantamento.

Eduardo Alexandre

Offset
GRÁFICA

3211.1703



**GALVÃO
MESQUITA
FERRAGENS**

FERRAMENTAS CERTAS, EMPRESAS FORTES

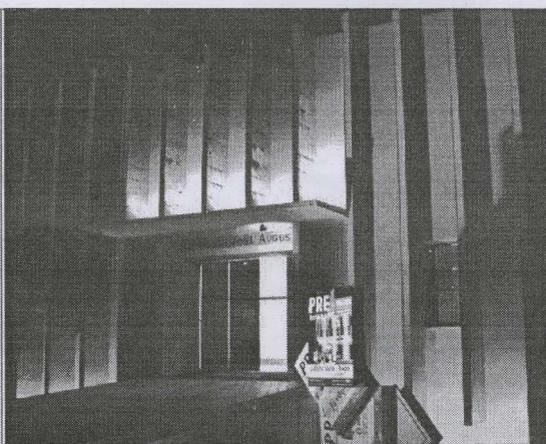
FONE: 3211-5180
WWW.GALVAOMESQUITA.COM.BR

Exumação Histórica

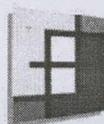
A fora a importância em si do conhecimento histórico, há um fascínio natural por coisas e pessoas do passado, além da reconhecida necessidade de preservação, e de reelaboração analítica, de seus fatos e feitos. E não poderia ser diferente, pois a evolução resulta do aperfeiçoamento mais ou menos constante dos métodos e técnicas preexistentes. Claro, também ocorrem novas descobertas e invenções a cada ano mas, ainda aí, a partir do aparato informativo acumulado.

No Rio Grande do Norte, a começar dos últimos anos do Século XX, surgiram vários trabalhos abordando determinados aspectos de nossa realidade sociocultural e histórica. Estava-se às portas dos quatrocentos anos da Cidade do Natal, acontecimento que, sem dúvida, influenciou a garimpagem em múltiplos arquivos (até os anos oitenta tal literatura cingia-se, via de regra, a textos memorialísticos, eivados de reminiscências pessoais).

Entre outros (o espaço é exíguo para enumerá-los



FUNDAÇÃO
José Augusto



40 anos
1963 - 2003

todos), foram trazidos à luz estudos mais ou menos circunstanciados sobre grupos folclóricos, conjuntos vocais, cinema, literatura, personalidades históricas, a Assembléia Legislativa, a Companhia Força e Luz (atual COSERN), a Associação Comercial, o comércio da Ribeira, o poder judiciário, a imprensa e, bem mais recentemente, as instituições Fundação José Augusto e o Teatro Alberto Maranhão.

O Centro de E. e Pesquisas Juvenal Lamartine-

CEPEJUL, da Fundação José Augusto, foi / é o responsável por dois destes estudos: Personalidades históricas do RN, Séc. XVI a XIX, publicado em 1999, e Fundação José Augusto, 40 anos: 1963 - 2003, em novembro de 2004, além de estar pesquisando o Século XX, cujos nomes provavelmente serão editados em meados de 2007.

Bem, todos estes estudos, direta e/ou indiretamente, contribuíram e contribuem para a consolidação daqueles pré-falados fins, quais sejam: facilitar o acesso ao conhecimento, satisfazer a curiosidade (positiva) sobre fatos e pessoas ancestrais e preservá-los para a posteridade, e podem (e devem) ser consultados por todos que comunguem com as idéias aqui expostas. Eis um caminho para sedimentarmos a consciência de nossa identidade cultural.

Vale a pena.

Tarcísio Rosas



FUNDAÇÃO
JOSÉ AUGUSTO



ARTE • CULTURA • HISTORIOGRAFIA POTIGUAR

O bjetivo: discutir os autores, e as obras mais significativas do Rio Grande do Norte, através de estudos e depoimentos de intelectuais, artistas, escritores. O Seminário tem duração de 12 horas, distribuídas em 3 mesas-redondas. É aberto ao público, estudantes, pesquisadores e universitários. Informações: 3232-5324 / 3232-5323

Bahia, sempre



Igreja da ordem terceira de São Francisco

Voltei à Bahia, várias vezes, mas já há uns cinco anos não andava por lá. Reencontrei-a sem grandes novidades. Uma coisa, porém, me chamou a atenção: o Pelourinho, o impressionante conjunto de edificações remanescentes da era colonial, encontra-se em melhor estado de conservação. Diversos sobrados foram restaurados, nos últimos anos. Nota destoante, a antiga Faculdade de Medicina, quase em ruínas. É pena que um monumento, como este, de tanta relevância histórica, esteja em tal estado.

O antigo Convento do Carmo abriga hotel de luxo; nas imediações surgiram pousadas, velhos casarões restaurados. Vale a pena uma caminhada pela rua do

convento até o largo da Cruz do Pascoal.

Das legendárias igrejas, São Francisco e São Domingos estão em obras de restauro.

Uma vez, comparando "São Francisco" e a Sé – as duas mais importantes do ponto de vista histórico e artístico – eu me encantei mais com a Sé. Agora, depois de revisitá-las, retiro o que disse. "São Francisco" é a obra-prima maior de todas. Culminância do Barroco do Nordeste. Sem dúvidas.

No Largo do Pelourinho, após visitar a Fundação Casa de Jorge Amado, fui almoçar num restaurante típico, famoso pela variedade de pratos em bufê. Provei de quase tudo um pouco: vatapá, caruru, xinxim de galinha, moqueca de siri mole, feijão ao leite de côco,

arroz-de-hauçá, e como sobremesa, baba de moça e ambrosia. Nenhuma especialidade gastronômica, nada de alvoroçar as papilas gustativas. Frustração para quem, como eu, muito gosta da cozinha baiana.

De volta ao hotel, preferi caminhar até o Largo do Campo Grande – um estirão. Ao passar pela Praça Thomé de Souza, debruço-me na balaustrada do mirante, ao lado do Elevador Lacerda, e alongo o olhar pela vastidão azul da Baía de Todos os Santos. Que vista mais linda?!

Ouví dizer que, dentro desta baía, cabem todas as outras existentes na costa brasileira... Um espetáculo da natureza – perdoem-me o lugar-comum. Ocorrem-me comparações: as cataratas do Iguaçu, os Lençóis Maranhenses, o rio Amazonas na confluência com o Tapajós, o cordilheira dos Andes vista de Santiago...

Essa visão mágica da baía me consola das agruras desta viagem. Por alguns momentos esqueço-me que todos os museus da cidade estão fechados por causa de uma greve dos motoristas de ônibus urbanos.

Manoel Onofre Jr.

104 anos
A mais antiga
Instituição Cultural do Estado

1902 * 2006
INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO
RIO GRANDE DO NORTE

MAIS ANTIGO SEBO DE NATAL EM FUNCIONAMENTO

Cata livros

DESDE 1970

Compra, venda e troca de livros, discos,
Cd's, fitas de vídeos e k7 usados.

Av. Xavier da Silveira, 67-A - Morro Branco
Rua Voluntários da Pátria, 631 - Centro
Rual Gal. Osório (Ao Lado do Hotel S. Paulo) - Centro
Fone: (84) 3201-9087



Ferreira Itajubá, o primeiro da esquerda para à direita (sentado), segurando um exemplar do jornal O Eco



Aqui, celebramos cultura todos os dias

A Prefeitura do Natal mantém a cultura em dia, através da Capitania das Artes, de seus vários programas de incentivo à música, à literatura e às artes e realizando eventos culturais, como o Auto do Natal, o Ribeira das Artes e o FestNatal. Cultura em Natal é uma celebração permanente.

